

A necessidade de sepultar a “camisa da maldição” de 1950 fez nascer o maior símbolo visual do esporte mundial. Em 1953, um concurso promovido pelo jornal *Correio da Manhã* exigiu a criação de um novo uniforme que trouxesse as quatro cores da bandeira nacional. O vencedor foi Aldyr Garcia Schlee, um jovem de apenas 19 anos nascido em Jaguarão (RS), na fronteira com o Uruguai.

Seu filho, Andrey Rosenthal Schlee, 63 anos, arquiteto e professor da Universidade de Brasília (UnB), reconta a história do pai com uma mistura de orgulho e ironia. Aldyr, que faleceu deixando outros dois filhos (Aldyr e Sylvia), guardava uma relação desapegada com o próprio feito. Andrey só descobriu a magnitude da criação do pai aos 10 anos, folheando uma revista antiga da década de 1970 em que se via, ao fundo de uma foto de Aldyr, um calendário com a imagem de Pelé dando uma bicicleta.

“O pai nunca deu muita bola para essa história”, revela Andrey, pontuando que o concurso só era lembrado como mera curiosidade às vésperas de cada Copa. Foi apenas no fim da vida que o estilista da amarelinha recebeu o devido reconhecimento internacional. Hoje, os filhos tratam os esboços originais encontrados em uma gaveta comum da casa como um verdadeiro tesouro familiar. O traço definitivo, camisa amarela com gola verde, calções azuis com frisos brancos e meias brancas, redesenhou a autoconfiança do país.

Ironicamente, Aldyr Schlee não torcia para o Brasil. Criado na fronteira, seu coração futebolístico pertencia ao Uruguai. Para ele, o esporte não se confundia com obrigação patriótica. Em 1950, o mesmo Aldyr havia desenhado um álbum completo com os gols da Copa baseando-se apenas nas transmissões de rádio, celebrando discretamente o título celeste.

## o triunfo

Com o novo fardamento canarinho, o Brasil desembarcou na Suécia em 1958. O contexto era de otimismo interno com a promessa de modernização e a construção de Brasília promovida pelo presidente Juscelino Kubitschek. Foi nessa Copa que o país parou para ouvir

# O nascimento da Canarinho e a supremacia de 1958

Ed Alves/CB/D.A Press



**Andrey Schlee é filho do criador da camisa amarela da Seleção**

a consagração de Pelé e Garrincha.

Para Celso Kaufman, aquela foi a conquista mais emocionante de sua vida. Ainda dependendo do rádio, mas agora cercado por um grupo de amigos, ele vivenciou a explosão de alegria que varreu o fantasma de 1950. A vitória por 5 x 2 contra os donos da casa provou que o complexo de viralatas estava definitivamente enterrado.

Silvestre Gorgulho, ex-secretário de Cultura nascido em São Lourenço em 1946, viveu a Copa de 1958 sob uma perspectiva quase monástica. Aos 11 anos, ele era aluno do Seminário dos Padres, um colégio interno em Caxambu (MG). A rigidez religiosa proibia os jovens de ouvirem o rádio. O jeito era depender da frieza do padre superior, que subia ao palanque após os jogos

para anunciar, sem qualquer alarde, os resultados aos 60 seminaristas reunidos. Silvestre recorda a noite em que o clérigo avisou sobre uma vitória nas quartas de final: “Hoje o Brasil ganhou do País de Gales de um a zero, gol do Pelé”. A notícia gerava uma euforia silenciosa; os meninos passavam os dias imaginando os gols que não podiam ver ou ouvir.

Anos mais tarde, como jornalista e pesquisador, Silvestre colecionou bastidores preciosos daquela campanha diretamente com os campeões. Ele reconta, por exemplo, o episódio em que Zagallo percebeu a ausência da bandeira brasileira no jantar solene de abertura na Suécia. Ao reclamar com o coordenador do evento, Bengt Agren, o sueco insistia, apontando para o mastro, que a bandeira do Brasil estava lá. Como